

## DISPOSITIVOS DE PODER NA MONOGAMIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE RELACIONAMENTOS HETEROSSEXUAIS NO INSTAGRAM

Laura Colli Gon<sup>\*</sup>  
Luciana Carmona Garcia<sup>\*\*</sup>

**Resumo:** Este estudo analisa os dispositivos discursivos que sustentam a monogamia heterossexual a partir de conteúdos que circulam na rede social Instagram. A pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender como as plataformas digitais operam como espaços privilegiados de circulação de discursos monogâmicos. Com base nos conceitos foucaultianos de enunciado e formação discursiva, analisamos a articulação entre as formações discursivas de matrimônio, exclusividade, posse e hierarquização relacional da materialidade discursiva em circulação. As análises evidenciam que os discursos monogâmicos performam relações assimétricas de poder entre gêneros, consolidando a mulher em posição de subordinação por meio de mecanismos discursivos de controle e posse.

**Palavras-chave:** Discurso; monogamia; poder; instagram.

### POWER APPARATUS IN MONOGAMY: DISCURSIVE ANALYSIS OF HETEROSEXUAL RELATIONSHIPS ON INSTAGRAM

**Abstract:** This study analyzes the discursive devices that sustain heterosexual monogamy based on content circulating on the Instagram social network. The research is justified by the need to understand how digital platforms operate as privileged spaces for the circulation of monogamous discourses. Based on Foucaultian concepts of enunciation and discursive formation, we analyze the articulation between the discursive formations of matrimony, exclusivity, possession, and relational hierarchization in the circulating discursive materiality. The analyses show that monogamous discourses perform asymmetrical power relations between genders, consolidating women in a position of subordination through discursive mechanisms of control and possession.

**Keywords:** Discourse; monogamy; power; instagram.

### Introdução

A monogamia, como modelo relacional hegemônico, manifesta-se no cotidiano contemporâneo através de fenômenos aparentemente banais, mas que revelam a complexidade de dispositivos discursivos que a sustentam e perpetuam. A exibição de relacionamentos idealizados (como perfeitos) em redes sociais, o abandono de

laços de amizade em detrimento de novas parcerias afetivas, e as disputas por autonomia e permissão no âmbito conjugal são exemplos claros de como essa estrutura se impõe e opera nas interações sociais.

Nossa sociedade contemporânea opera com base em uma memória coletiva sedimentada que estabelece correlações diretas entre monogamia e manifestações autênticas de afeto. Este modelo relacional, fundamentado em rastros de memória cultural, exige expressão sexual e concretização por meio de vínculos dualistas — majoritariamente heterossexuais — implicando o compartilhamento integral da existência. A constituição familiar, materializada pelo matrimônio e pela geração de descendentes, constitui componente essencial para validar a relação como genuína e natural. Nessas circunstâncias, configura-se um aparato de normas e diretrizes, condutas e legislações que simbolizam atitudes amorosas monogâmicas.

A legitimação matrimonial, sob chancela das esferas religiosa e jurídica, constitui o principal símbolo das relações monogâmicas porque, a partir dele, duas dinâmicas se efetivam: a primeira, envolvendo o âmbito jurídico, promove a vinculação do casal de forma institucional, conectando patrimônios e prerrogativas aos cônjuges e sucessores legítimos. A segunda origina-se da esfera religiosa, pois, por intermédio do ritual matrimonial perante a Divindade e à Igreja (representada por testemunhas do evento), homem e mulher passam a constituir união matrimonial e, transcendendo a individualidade, tornam-se unidos em matrimônio sagrado.

As dinâmicas monogâmicas e toda sua exclusividade corporal e emocional manifestam-se constantemente nas plataformas digitais, disseminando inúmeras materialidades discursivas, especialmente, no Instagram. Estas não se restringem exclusivamente à temática matrimonial, mas é nela que a estrutura monogâmica encontra um de seus fundamentos centrais, uma vez que essa cerimônia é construída cultural e socialmente como aspiração e meta existencial de sujeitos globalmente.

Para abordar as problemáticas que a monogamia apresenta, é fundamental, primeiramente, defini-la como um sistema e analisar os discursos que a interpelam. Mas, por onde começar essa análise? Como desnaturalizar algo que nos parece tão óbvio? Neste trabalho, utilizaremos os estudos de David Barash e Judith Lipton para abordar aspectos biológicos da monogamia; os de Friedrich Engels, para compreender o surgimento histórico da família monogâmica; os de Brigitte Vasallo, para abordar a questão da unidade do casal monogâmico; e, finalmente, os de Michel

Foucault, para discutir moralidade e relações de poder. Esses estudos servirão como base para realizarmos uma análise discursiva das materialidades selecionadas.

## **1 Genealogia da monogamia: emergências históricas e dispositivos de controle**

A naturalização da monogamia como característica intrínseca da espécie humana constitui um discurso amplamente difundido em diversos contextos sociais contemporâneos. Essa premissa, que fundamenta práticas terapêuticas, narrativas midiáticas e senso comum, raramente é submetida ao escrutínio crítico necessário para sua desnaturalização. É precisamente sobre essa questão fundamental que Barash e Lipton (2022) desenvolvem estudos para compreender os motivos pelos quais o caráter inato ou construído da monogamia tem sido objeto de intenso debate acadêmico.

Os pesquisadores sustentam que os seres humanos não são naturalmente monógamos, mas que, efetivamente, essa opção é influenciada principalmente por elementos sociais, sociológicos e culturais adquiridos durante as experiências relacionais. A perspectiva biológica é privilegiada pelos autores porque "independentemente do que possamos representar, nós, seres humanos, somos entidades biológicas" (Barash e Lipton, 2022, p. 14) e compreendem os aspectos da sexualidade humana como componente integrante da biologia evolutiva, identificando duas dimensões da exclusividade: uma relacionada ao aspecto sexual ou genético e outra vinculada ao aspecto social.

Ao longo da obra, torna-se evidente que inexistem evidências sólidas provenientes da biologia, primatologia ou antropologia que fundamentem a ideia de que a exclusividade seja uma característica "orgânica" ou "padronizada" da espécie humana (Barash e Lipton, 2022). Na verdade, diversos indicadores sugerem que, historicamente, os seres humanos tendem a estabelecer vínculos com múltiplos parceiros e a construir conexões sexuais com mais de uma pessoa.

A transgressão masculina é, em múltiplas sociedades, justificada ou tolerada com base em argumentos biológicos, políticos e sociais. Biologicamente, teorias evolutivas sugerem que os homens podem ser predispostos a buscar múltiplas parceiras como estratégia reprodutiva, visando maximizar a disseminação genética (Buss, 1994). Politicamente, estruturas patriarcais historicamente reforçaram a

concepção de que o comportamento sexual masculino é menos restritivo, enquanto socialmente, normas culturais normalizam ou minimizam as transgressões cometidas por homens (Hrdy, 1999).

Para além da dimensão biológica que fundamenta as conexões entre seres humanos nas relações conjugais, é essencial abordar o sistema monogâmico sob uma ótica que priorize as dinâmicas relacionais e culturais. Nessa direção, ao abordar a genealogia da exclusividade afetiva, tornam-se imprescindíveis as contribuições de Engels (2016).

Engels desenvolve a concepção de que a família constitui um fenômeno histórico e cultural, diretamente vinculado aos meios de produção e à economia em diferentes períodos e localidades, transcendendo explicações puramente biológicas e inserindo-se em um contexto mais amplo de organização social e cultural. A evolução das famílias sindiásmicas<sup>1</sup> marca o surgimento da monogamia, um arranjo em que um homem coabitava com uma mulher, mas a infidelidade ocasional e a poligamia masculina eram toleradas quando havia recursos econômicos disponíveis.

A monogamia é identificada como um marco fundamental no surgimento da civilização (Engels, 2016). Sua principal transformação reside no fortalecimento dos vínculos conjugais, que se tornaram mais estáveis e formalizados. Contudo, essa estrutura concedia ao homem o poder exclusivo de dissolver o matrimônio, evidenciando uma assimetria de gênero que subordinava a mulher à autoridade masculina.

Em síntese, a monogamia funcionou como um mecanismo de controle e dominação sobre as mulheres, perpetuando desigualdades de gênero nas conexões familiares. Engels (2016) sustenta que a exclusividade e a fidelidade eram exigidas exclusivamente das mulheres, enquanto a sociedade, marcada pelo machismo e pela heteronormatividade, sempre tolerou a infidelidade masculina.

A monogamia não aparece na história, portanto, absolutamente, como uma reconciliação entre o homem e a mulher e, menos ainda, como a forma mais elevada de matrimônio. Pelo contrário, ela surge sob a forma de escravização de um sexo pelo outro, como proclamação de um conflito entre os sexos, ignorado, até então, na pré-história. (Engels, 2016, p. 70).

As origens da monogamia, portanto, não estão relacionadas ao ideal do amor romântico como a narratividade dos contos de fada constrói na memória social,

tampouco com a biologia da espécie humana; na verdade, serve como meio de controle e dominação nas relações de poder entre homens e mulheres.

## 2 O matrimônio como dispositivo de controle

Segundo Brigitte Vasallo (2022), o sistema monogâmico fundamenta-se em uma tríade central: afeto, formação do par e exclusividade heterossexual reprodutiva. Nessa conjuntura, insere-se o afeto na equação, um sentimento que, na origem da família exclusiva, não está intrinsecamente ligado à exigência de um relacionamento singular com um único par, visto que essa é uma construção social.

As relações conjugais constituem objetos de análise entre filósofos e pensadores, desde a Antiguidade. Ao abordar o período greco-romano, Foucault (2023a) aponta que existem diversas práticas e métodos de autoconhecimento em relação à sexualidade, que possibilitam enxergá-la sem conectar-se a um sistema baseado em obediência ou disciplina padronizada.

Os *aphrodisia* eram objeto de análise e questionamento ético na época antiga; entretanto, é importante contextualizar essas práticas dentro dos padrões morais daquele tempo. A moral continha certa ambiguidade porque esses princípios eram compreendidos como um "código ético" que orientava instituições fundamentais da sociedade, estabelecendo normas e valores a serem seguidos (Foucault, 2023a).

O autor argumenta que, embora toda moral tenha como função principal regular os comportamentos e moldar as subjetividades, esses dois aspectos não são completamente dissociados, pois possuem uma certa independência em sua dinâmica. A moral opera como um arranjo de normas e regras que buscam orientar e controlar as ações dos indivíduos dentro de uma conjuntura social específica.

Quando o teórico se volta para a Retórica de Aristóteles e Platão, ele compreende que a moral dos *aphrodisia* poderia ser justificada por ser uma ordem natural na qual o ato sexual é um instinto intrínseco à humanidade e não deve ser julgado como algo negativo. Retomamos aqui o que foi dito por Barash e Lipton (2022) sobre a monogamia, traçando um paralelo com os estudos de Foucault (2023a) e afirmando que o que é natural ao ser humano é a atividade sexual. No entanto, a manutenção de um(a) parceiro(a) monogâmico(a) é uma construção histórico-social.

### 3 Hierarquias afetivas: a economia política dos sentimentos

Para Foucault (2023b), o valor do matrimônio e da parceria, aliado a uma certa mudança na distribuição dos papéis políticos, poderia ter levado a uma reflexão distinta sobre si na moral anteriormente predominante masculina.

A condição das mulheres havia alcançado um maior grau de autonomia em comparação com a antiguidade. O casamento passou a ser entendido como uma união baseada no consentimento mútuo dos parceiros, ainda que persistissem desigualdades. Os matrimônios, que antes eram vistos como meros arranjos familiares, transformaram-se em uma prática formalizada durante a era greco-romana.

O casamento seria cada vez mais geral enquanto prática, mais público enquanto instituição, mais privado enquanto modo de existência, mais forte para ligar os cônjuges e, portanto, mais eficaz para isolar o casal no campo das outras relações sociais. (Foucault, 2023b, p. 84).

Brigitte Vasallo (2022) aborda o isolamento característico do casal monogâmico como uma consequência da estrutura social, que privilegia a relação a dois em detrimento de outras formas de vínculo. A autora argumenta que a monogamia, ao centralizar a vida afetiva e social no par, tende a criar uma dinâmica de exclusão, na qual o casal se fecha em si mesmo, limitando interações com outras pessoas e comunidades.

A exclusão do casal em relação aos outros tipos de relacionamento é uma das principais críticas dos estudiosos que buscam alternativas à monogamia. Vasallo (2022) argumenta que o discurso dominante estabelece uma equivalência direta entre amor autêntico e monogamia, naturalizando essa associação como se fosse evidente e inquestionável. No entanto, a autora demonstra que a ideia de exclusividade não opera primariamente como delimitação de práticas sexuais, mas funciona como um aparato de legitimação que confere *status* superior a um tipo específico de relacionamento em detrimento de outras possibilidades relacionais.

A monogamia, portanto, abarca uma variedade de vínculos afetivos que operam a partir de hierarquizações não explicitadas. Embora não sejam formalmente reconhecidas, outras conexões como amizades e laços familiares são sistematicamente relegadas a posições secundárias dentro da lógica monogâmica. Vasallo (2022) esclarece que o elemento definidor da monogamia não reside



propriamente na exclusividade sexual, mas na organização hierárquica que prioriza o casal frente a outras formas de amor e afeto. Nessa economia afetiva, a exclusividade sexual funciona como marca simbólica que distingue e hierarquiza os relacionamentos, estabelecendo qual forma de amor merece reconhecimento social e institucional.

#### **4 Análise Discursiva: conceitos e metodologia**

A hierarquização afetiva do casal monogâmico pode ser percebida em materialidades discursivas que circulam massivamente na sociedade. Neste estudo, valemo-nos do Instagram como a plataforma de circulação de discursos para coleta do *corpus* que será analisado. Antes de partirmos para as análises, acreditamos ser necessário retomar alguns conceitos teórico-linguísticos que utilizamos nesta pesquisa.

##### **4.1 O conceito de enunciado**

O *enunciado*, para Foucault (2008), não se encaixa no mesmo padrão da frase, da proposição ou do ato de linguagem, não segue as mesmas diretrizes, mas também não pode ser considerado uma entidade como um objeto material, com limites definidos e independência própria. Em sua singularidade (nem totalmente linguística, nem exclusivamente material), é essencial para determinar se há uma frase, proposição ou ato de linguagem.

O enunciado não é, pois, uma estrutura; é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles "fazem sentido" ou não. (Foucault, 2008, p. 103)

O enunciado possui quatro características fundamentais que se mostram relevantes para nossa análise dos discursos monogâmicos no Instagram. Primeiramente, ele tem um *referencial* — não um objeto ou estado de coisas específico, mas um conjunto de domínios nos quais objetos podem aparecer e relações podem ser designadas. No caso dos discursos sobre a monogamia, o referencial inclui o domínio das relações afetivas, da sexualidade, da família e das

instituições matrimoniais. Em outras palavras, quando alguém fala sobre monogamia, está mobilizando todo um campo de conhecimentos sobre como os relacionamentos *devem* funcionar.

Em segundo lugar, o enunciado mantém uma *relação com um sujeito* — não o sujeito da enunciação, mas uma posição que pode ser ocupada por indivíduos diferentes. Essas posições não são livres, mas determinadas pelas formações discursivas que regem os enunciados sobre relacionamentos.

Terceiro, o enunciado não existe isoladamente, mas sempre em um *campo associado* — uma rede de outros enunciados que o precedem, o acompanham e o seguem. Os enunciados sobre monogamia no Instagram articulam-se com enunciados sobre amor romântico, família tradicional, papéis de gênero e sexualidade, formando uma trama discursiva complexa que sustenta determinados regimes de verdade sobre os relacionamentos.

Finalmente, o enunciado possui uma *materialidade específica* — ele é sempre repetível, mas sua repetição se dá em condições específicas e produz efeitos diferentes. Os enunciados sobre exclusividade amorosa, quando repetidos no Instagram, ganham nova materialidade digital, sendo atravessados pelas lógicas algorítmicas, pelos mecanismos de curtidas e comentários, e pela economia da atenção das redes sociais.

## 4.2 Formação discursiva e monogamia

No que diz respeito à *formação discursiva*, Foucault (2008) desenvolveu esse conceito para entender como os discursos são estruturados e como eles funcionam em um contexto histórico e social específico. Uma formação discursiva constitui um conjunto de regras anônimas e históricas que governam a produção, a circulação e o funcionamento dos enunciados em um determinado campo do saber.

A formação discursiva é o sistema enunciativo geral ao qual obedece a um grupo de performances verbais - sistema que não o rege sozinho, já que ele obedece, ainda, e segundo suas outras dimensões, aos sistemas lógico, linguístico, psicológico. (Foucault, 2008, p. 136)

As formações discursivas operam por meio de quatro elementos fundamentais que podemos identificar nos discursos sobre monogamia. Primeiro, a formação dos



objetos — os discursos monogâmicos no Instagram constituem objetos específicos como "relacionamento sério", "casal ideal", "amor verdadeiro", "fidelidade", que não existem naturalmente, mas são construídos discursivamente mediante práticas de nomeação, descrição e classificação.

Segundo a formação das modalidades enunciativas — o discurso sobre monogamia estabelece quem pode falar, de onde se fala e qual a posição institucional do sujeito que fala. No Instagram, observamos que certas modalidades enunciativas ganham autoridade: casais que ostentam relacionamentos duradouros, influenciadores especializados em relacionamentos, perfis de usuários que se apresentam e/ou se autodefinem como "casais perfeitos". Essas posições conferem legitimidade aos enunciados que afirmam sobre como é (ou deve ser) um relacionamento monogâmico.

Terceiro, a formação dos conceitos — eles não aparecem isoladamente, mas em redes de relações que determinam suas possibilidades de aparição. O conceito de "amor" nos discursos monogâmicos articula-se necessariamente com "exclusividade", "fidelidade", "compromisso", formando uma rede conceitual que torna impossível pensar o amor fora dos parâmetros monogâmicos sem que isso seja marcado como desvio ou transgressão.

Quarto, a formação das estratégias — os discursos monogâmicos no Instagram utilizam estratégias específicas para se legitimar e se perpetuar: a romantização da possessividade, a naturalização da exclusividade, a patologização do ciúme enquanto simultaneamente o justifica, a hierarquização das relações — que inscreve o relacionamento amoroso como superior a todas as outras formas de vínculo.

#### **4.3 Dispositivos de poder e tecnologias de Si**

Para compreender mais amplamente como o discurso monogâmico opera no Instagram, é necessário mobilizar também o conceito foucaultiano de *dispositivo*. Foucault (1979) define dispositivo como um conjunto decididamente heterogêneo que articula elementos diversos: discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas. O dispositivo constitui, portanto, a rede estabelecida entre esses elementos heterogêneos, englobando tanto o dito quanto o

não dito, operando por intermédio das relações que se podem estabelecer entre essas diferentes dimensões.

Aplicando essa noção ao nosso contexto, o Instagram não é apenas uma plataforma neutra onde as pessoas compartilham conteúdo. Ele funciona como um dispositivo complexo que articula elementos tecnológicos (algoritmos, recursos de localização, publicações temporárias), econômicos (publicidade direcionada, influenciadores digitais), sociais (pressão por curtidas e comentários) e discursivos (o que pode ou não ser postado sobre relacionamentos). Todos esses elementos trabalham conjuntamente para produzir determinadas formas de viver e pensar a monogamia.

O Instagram funciona, portanto, como um dispositivo que articula elementos discursivos (publicações sobre relacionamentos), tecnológicos (algoritmos que privilegiam certo tipo de conteúdo), institucionais (parcerias com marcas que vendem produtos para casais), arquitetônicos (*design* da plataforma que facilita a exposição), produzindo efeitos específicos de subjetivação monogâmica.

Aqui chegamos a outro conceito fundamental: as tecnologias de si. Esse dispositivo opera o que Foucault (2023a) chama de *tecnologias de si* — práticas por meio das quais os indivíduos agem sobre si mesmos para se constituírem como sujeitos. No Instagram, identificamos várias tecnologias de si monogâmicas: a confissão pública do amor em publicações, a autoanálise quando nos comparamos com outros casais, a vigilância mútua dada pela exposição das atividades do parceiro e a disciplina dos próprios desejos para adequar-se ao ideal monogâmico. É como se cada usuário se tornasse, voluntariamente, tanto vigilante quanto vigiado em seu próprio relacionamento.

#### **4.4 Biopoder e regulação dos corpos monogâmicos**

Foucault (1979) distingue duas formas principais de exercício do poder sobre a vida: as disciplinas, que se exercem sobre o corpo individual, e a biopolítica, que se dirige à população. Ambas as modalidades são relevantes para compreender como a monogamia opera no Instagram.

Para entender essa distinção de forma mais clara, podemos pensar da seguinte maneira: as disciplinas funcionam como um *treinamento* individual dos corpos para

que se comportem de determinada forma, enquanto a biopolítica atua no nível mais amplo, regulando grandes grupos populacionais. No caso da monogamia digital, vemos ambos os níveis operando simultaneamente.

No nível disciplinar, os discursos monogâmicos no Instagram produzem técnicas específicas de disciplinamento dos corpos: a mulher deve aprender a ser submissa, a solicitar permissão, a aceitar a vigilância; o homem deve aprender a ser possessivo, a controlar, a exercer autoridade. Essas técnicas são transmitidas não em uma imposição direta, mas por intermédio da circulação de exemplos, da normalização de comportamentos e da criação de modelos aspiracionais.

No nível biopolítico, os discursos monogâmicos contribuem para a regulação da população via promoção de determinadas formas de vida: a família nuclear, a reprodução dentro do casamento, a heterossexualidade e a monogamia serial. O Instagram funciona como um dispositivo biopolítico que coleta dados sobre relacionamentos, influencia comportamentos afetivos e orienta escolhas reprodutivas.

#### **4.5 Corpus e metodologia de seleção**

As materialidades analisadas foram coletadas no Instagram durante o período de abril de 2024 a maio de 2025, selecionadas por critério de representatividade temática e engajamento dos usuários. A escolha do Instagram como plataforma de análise justifica-se por suas características específicas que potencializam os dispositivos monogâmicos contemporâneos.

Primeiramente, o Instagram constitui-se como uma das principais redes sociais voltadas para a exposição da intimidade e dos relacionamentos amorosos, funcionando como vitrine digital onde casais performam suas relações para validação social. Diferentemente de outras plataformas, o Instagram privilegia o conteúdo visual e a construção de narrativas pessoais em publicações permanentes e temporárias, criando um ambiente propício para a manifestação dos discursos monogâmicos que analisamos.

Além disso, a arquitetura da plataforma — com recursos como localização, marcação de parceiros, publicações com visualizadores e algoritmos que privilegiam conteúdo sobre relacionamentos — funciona como dispositivo técnico que intensifica as práticas de vigilância e controle características da monogamia digital. Como

demonstra Foucault (1979), os dispositivos operam com base na articulação entre elementos heterogêneos, e o Instagram materializa essa articulação ao combinar tecnologia, economia da atenção e produção de subjetividades amorosas.

O critério de seleção das materialidades discursivas fundamentou-se na identificação de enunciados que revelassem tensões e contradições do sistema monogâmico, em vez de simplesmente reproduzir discursos hegemônicos. Optamos por analisar postagens que evidenciassem os mecanismos de poder que operam na construção da aparente naturalidade da monogamia, seguindo a perspectiva genealógica foucaultiana que busca desnaturalizar evidências.

## 5 Análises de materialidades discursivas do Instagram

Partiremos para movimentos iniciais de análises das materialidades discursivas coletadas. A primeira materialidade analisada provém de uma conversa de WhatsApp compartilhada no Instagram, na qual observamos o seguinte diálogo: uma pessoa envia "pra tu ver que eu to na minha casa", seguido do envio de uma foto, complementando com "eu não to mentindo" e "não precisa me enviar provas 😊", ao que a outra pessoa responde "obg amor" e finaliza com "com provas ou sem provas n acredito em nada". Esta materialidade revela camadas complexas de funcionamento dos dispositivos de vigilância na monogamia contemporânea.

**Figura 1:** Publicação da página @paginalixo de 13/03/2025



**Fonte:** (Instagram)

Ao analisarmos esta materialidade discursiva, identificamos a operação de múltiplas formações discursivas que se entrelaçam para sustentar a lógica monogâmica baseada na desconfiança e no controle. A necessidade de “prova” desloca a formulação intradiscursiva do estrato cotidiano para o estrato jurídico e materializa uma formação discursiva da vigilância que atravessa as relações monogâmicas contemporâneas. O enunciado “pra tu ver que eu to na minha casa” funciona como uma prestação de contas não solicitada explicitamente, mas inscrita como norma implícita dentro da economia relacional monogâmica.

A mobilização de um pré-construído — conceito desenvolvido por Pêcheux (1997) — torna-se evidente na naturalização da necessidade de provar ao parceiro onde se está para o parceiro. Pêcheux (1997) usa esse termo para se referir a ideias que figuram, no discurso, como verdades evidentes que não precisam ser questionadas. No caso dessa conversa, o pré-construído é a ideia de que *namorados(as) de verdade sempre provam sua fidelidade* - isso é apresentado como algo natural e óbvio, quando, de fato, é uma construção social específica da monogamia contemporânea.

O Instagram — assim como o WhatsApp, plataforma na qual a conversa supostamente ocorreu e foi recortada para compor o conteúdo da postagem —, como dispositivo digital, amplifica e materializa essas práticas de vigilância a partir de recursos tecnológicos específicos. A possibilidade de enviar localização em tempo real, fotografias com geolocalização e publicações que comprovam as atividades, transforma a plataforma em um panóptico digital em que os parceiros monogâmicos se submetem voluntariamente à vigilância mútua. Cada postagem, cada *check-in* realizado funciona como prestação de contas ao parceiro e à rede social mais ampla.

Essa digitalização da vigilância amorosa representa uma extensão do que Foucault (1979) chamou de sociedade disciplinar. Se nas instituições disciplinares clássicas (prisão, hospital, escola) a vigilância era exercida por agentes externos, nas redes sociais os próprios sujeitos se tornam vigilantes de si mesmos e dos outros. O Instagram funciona como um *confessionário digital* em que a intimidade deve ser constantemente exposta e validada pela audiência. O silenciamento de conteúdo com o parceiro, a ausência de interação em postagens do cônjuge, ou a demora para responder mensagens tornam-se *evidências* de possível infidelidade que alimentam ciclos de suspeita e controle.

A formação discursiva da desconfiança materializa-se de forma explícita na resposta final: "com provas ou sem provas n acredito em nada". Este enunciado revela o paradoxo da vigilância monogâmica: mesmo quando as provas são fornecidas, a suspeita permanece como estrutura fundamental da relação. Há aqui uma impossibilidade estrutural de satisfazer completamente a demanda por transparência, criando um ciclo vicioso onde mais vigilância gera mais desconfiança.

Este paradoxo encontra explicação na teoria foucaultiana sobre o funcionamento do poder disciplinar. Como demonstra Foucault (1979), as instituições disciplinares não visam eliminar a delinquência, mas geri-la de forma produtiva, mantendo-a em níveis controláveis que justifiquem a própria existência do aparato de vigilância. Da mesma forma, a vigilância monogâmica não busca efetivamente produzir confiança, mas manter um estado permanente de *suspeita administrada* que legitima o controle contínuo sobre o parceiro.

Outras formações discursivas se articulam nesta materialidade: a formação discursiva da transparência total (tudo deve ser visível ao parceiro), da prestação de contas constante (localização e atividades devem ser comunicadas), e da tecnologia como mediadora das relações afetivas (aplicativos como verificadores de fidelidade). Essas formações operam conjuntamente para produzir subjetividades monogâmicas baseadas na vigilância mútua, transformando o amor em um exercício constante de policiamento.

Essa transformação do amor em vigilância representa uma intensificação contemporânea do que Foucault (2023a) analisou sobre as transformações históricas da moral sexual. Se, na Antiguidade, os *aphrodisia* eram regulados por uma ética do cuidado de si, na monogamia digital observamos uma ética da transparência compulsória onde o cuidado de si se confunde com a vigilância do outro. O *smartphone* torna-se, assim, uma extensão contemporânea do que Foucault chamou de "tecnologias de si", mas agora orientadas não para o autoconhecimento, mas para o autocontrole e controle mútuo.

A segunda materialidade discursiva analisada apresenta um post do Instagram onde se lê: "homem cis se sentir tão à vontade pra quebrar o acordo da exclusividade sexual monogâmica nos dá uma pequena ideia quais corpos a monogamia visa controlar 🤖". Nos comentários, observamos a resposta: "a monogamia já é insalubre, se relacionar monogamicamente c homem cis ht então... (@jamilesalima) menos".

Esta materialidade revela mecanismos sofisticados de poder que operam através da monogamia na regulação diferencial dos corpos.

**Figura 2:** Publicação conjunta das páginas @memesamorlivre e @jamilesalima do dia 10/06/2024



**Fonte:** (Instagram)

Ao analisarmos essa materialidade discursiva, identificamos inicialmente a mobilização de um pré-construído, que naturaliza a diferença no tratamento da infidelidade entre homens e mulheres. O pré-construído presente estabelece como evidência natural que homens "se sentem à vontade" para quebrar acordos monogâmicos, enquanto esse mesmo comportamento seria impensável ou severamente punido quando realizado por mulheres. Esta naturalização oculta o caráter político e histórico dessa diferenciação.

A formação discursiva do controle corporal diferencial torna-se central nesta análise. O enunciado "quais corpos a monogamia visa controlar" explicita que a monogamia não opera como sistema neutro, mas como dispositivo que incide diferentemente sobre corpos específicos. Há aqui uma desnaturalização fundamental: a monogamia não controla igualmente todos os corpos, mas estabelece uma



economia política que privilegia certos sujeitos (homens cisgêneros heterossexuais) em detrimento de outros (especialmente mulheres).

Esta economia política dos corpos se materializa de diversas formas: enquanto a infidelidade masculina é frequentemente justificada pelos discursos biologizantes ("é da natureza do homem"), a infidelidade feminina é moral e socialmente condenada como transgressão inaceitável. Tal diferenciação não é natural, mas resulta de séculos de práticas discursivas que construíram a sexualidade masculina como ativa e expansiva, e a feminina como passiva e restritiva. Como demonstra Engels (2016), historicamente, a monogamia foi imposta às mulheres enquanto os homens mantinham relativa liberdade sexual, criando um sistema de dupla moral que persiste e se (re)atualiza nas redes sociais contemporâneas.

Como demonstramos nas análises, observamos como a monogamia funciona como dispositivo biopolítico que produz diferentes regimes de verdade sobre a sexualidade masculina e feminina. A **naturalidade** da infidelidade masculina *versus* a **anormalidade** da infidelidade feminina não é dada biologicamente, mas constitui efeito de discursos que normalizam hierarquias de gênero.

Esta é uma mudança de perspectiva fundamental em relação ao senso comum: em vez de pensar o poder apenas como algo que proíbe ou reprime, Foucault nos mostra que o poder é principalmente produtivo - ele cria realidades, formas de ser, maneiras de pensar. No contexto da monogamia, isso significa que o sistema não apenas proíbe certas práticas, mas ativamente produz tipos específicos de homens e mulheres, com desejos, medos e comportamentos específicos. O Instagram amplifica essa produção ao tornar visíveis e circulantes esses modelos de masculinidade e feminilidade monogâmicas.

A legenda — "a monogamia já é insalubre, se relacionar monogamicamente c homem cis ht então..." — introduz uma formação discursiva de resistência que questiona não apenas a aplicação desigual das regras monogâmicas, mas a própria monogamia como sistema relacional. O termo "insalubre" medicaliza a crítica, sugerindo que a monogamia, especialmente entre mulheres e homens cisgêneros heterossexuais, produz efeitos nocivos à saúde mental e à autonomia feminina.

Esta materialidade revela também como o Instagram funciona como espaço de disputa sobre os sentidos da monogamia. Ao viralizar críticas ao sistema monogâmico, a plataforma não apenas reproduz discursos hegemônicos, mas

também possibilita a circulação de contracondutas que questionam naturalizações. O uso de emojis (🙄) performatiza uma postura de evidência irônica, como se a desigualdade denunciada fosse tão óbvia que dispensasse maiores explicações.

Essa ironia revela um aspecto importante do funcionamento dos enunciados nas redes sociais: eles não apenas comunicam conteúdo, mas performam posições políticas com base nos recursos multimodais (texto + emoji). Como argumenta Foucault (2008), os enunciados são raros e por isso adquirem valor especial - no Instagram, essa raridade se manifesta na capacidade de determinados posts *viralizarem* justamente porque condensam tensões discursivas que muitos reconhecem, mas poucos conseguem articular claramente.

As relações de poder nesta materialidade operam por intermédio da interseccionalidade entre gênero, sexualidade e monogamia. A crítica explícita como a monogamia funciona como tecnologia de gênero que produz masculinidades privilegiadas (com direito à infidelidade) e feminilidades subordinadas (obrigadas à fidelidade). Essa análise conecta-se diretamente com os estudos de Engels (2016) sobre a dupla moral histórica da monogamia, mas agora materializada em um contexto digital em que essas assimetrias ganham nova visibilidade e, simultaneamente, novas formas de contestação.

O Instagram, como dispositivo, amplifica essas críticas, mas também as submete aos algoritmos que podem tanto visibilizar quanto invisibilizar discursos contestatórios, dependendo do engajamento e dos interesses comerciais da plataforma.

As análises realizadas revelam a operação de um complexo sistema discursivo que sustenta a monogamia por meio de dispositivos digitais contemporâneos. Os resultados evidenciam que o Instagram não funciona apenas como plataforma de compartilhamento, mas como dispositivo biopolítico que produz e regula subjetividades monogâmicas específicas.

O cotejamento entre as duas materialidades evidencia como os dispositivos monogâmicos operam simultaneamente em diferentes níveis. Na primeira materialidade, observamos a vigilância exercida por intermédio da tecnologia digital, quando a exigência de provas de localização materializa um panóptico relacional que transcende o espaço físico. Na segunda, identificamos como essa vigilância se

articula com hierarquias de gênero que estabelecem diferentes regimes de controle para corpos masculinos e femininos.

Essa articulação confirma a análise de Engels (2016) sobre a função histórica da monogamia como dispositivo de controle diferencial, agora (re)atualizada por meio das tecnologias digitais. O que antes se exercia pelo viés das instituições como Família, Igreja e Estado, hoje se materializa por meio de algoritmos, aplicativos e redes sociais que amplificam e sofisticam os mecanismos de vigilância.

Um achado significativo emerso das análises é o paradoxo da transparência total: quanto mais provas são fornecidas, maior se torna a desconfiança. Isso revela que os dispositivos de vigilância monogâmica não visam efetivamente produzir segurança ou confiança, mas manter um estado permanente de suspeita que justifica o controle contínuo. Como demonstra Foucault (1979), o poder disciplinar não busca eliminar a delinquência, mas geri-la de forma produtiva.

Este paradoxo se manifesta também na segunda materialidade, quando a crítica ao "acordo da exclusividade sexual monogâmica" revela que o sistema monogâmico produz suas próprias contradições, gerando resistências que simultaneamente o contestam e o reafirmam.

As análises demonstram como o Instagram funciona como dispositivo de produção de subjetividades diferenciadas por gênero. Enquanto as mulheres são interpeladas a se constituírem como sujeitos transparentes, controláveis e prestadores de contas, os homens são posicionados como controladores legítimos que têm *direito* à infidelidade. Essa produção diferencial confirma as análises de Vasallo (2022) sobre a hierarquia de afetos que caracteriza o sistema monogâmico.

Importante destacar que essas subjetividades não são impostas externamente, mas produzidas por meio de tecnologias de si que fazem os indivíduos se reconhecerem voluntariamente nessas posições. O Instagram potencializa essa auto-subjetivação ao transformar práticas privadas de vigilância em performances públicas que recebem validação social contabilizada em curtidas, comentários e compartilhamentos.

Apesar da hegemonia dos discursos monogâmicos, as análises revelam a existência de contracondutas que questionam a naturalidade do sistema. A segunda materialidade, em particular, evidencia vozes que não apenas criticam aplicações desiguais da monogamia, mas questionam o próprio sistema como "insalubre". Isso

indica que o Instagram, embora funcione predominantemente como dispositivo de reprodução monogâmica, também possibilita a circulação de discursos alternativos.

Essas resistências não são externas ao poder, mas constituem seus pontos de instabilidade, como argumenta Foucault (1979). Elas forçam o sistema monogâmico a se reconfigurar constantemente, produzindo novos mecanismos de legitimação e controle que respondem às contestações emergentes.

Os resultados contribuem para a compreensão da monogamia como aparato histórico que se atualiza por meio de tecnologias digitais, mantendo suas funções de controle e hierarquização enquanto adquire novas materialidades. Teoricamente, o estudo demonstra a produtividade dos conceitos foucaultianos para análise de fenômenos digitais contemporâneos, particularmente a noção de dispositivo como articulação entre elementos heterogêneos.

Socialmente, as análises evidenciam como as redes sociais não são espaços neutros de comunicação, mas dispositivos ativos na produção de relações de poder que afetam a vida íntima dos usuários. Isso tem implicações importantes para debates sobre privacidade, autonomia e saúde mental na era digital, sugerindo a necessidade de políticas públicas que considerem os efeitos biopolíticos das plataformas digitais sobre as relações afetivas.

## **Conclusões**

Chegamos ao final deste artigo com mais perguntas do que respostas — e talvez esse seja precisamente o objetivo de uma abordagem genealógica. Em busca de possíveis reflexões conclusivas, podemos afirmar que a família monogâmica surgiu como uma necessidade econômica e social de sua época, sendo consolidada por questões religiosas e morais. Nessa condição, estabeleceu-se que os casais monogâmicos seriam exclusivos, tanto no âmbito amoroso quanto afetivo, e que a infidelidade seria passível de punição diferencial segundo hierarquias de gênero.

As plataformas digitais — especialmente o Instagram — não são apenas espelhos neutros de nossas relações. Elas desempenham um papel ativo e fundamental na maneira como nos relacionamos atualmente, funcionando como dispositivos biopolíticos que produzem subjetividades monogâmicas específicas. Cada curtida, cada comentário, cada compartilhamento contribui para a circulação e

estabilização de determinados modelos relacionais em detrimento de outros, intensificando os mecanismos de vigilância e controle que caracterizam a monogamia digital.

Este artigo não teve a intenção de condenar o sistema monogâmico ou prescrever alternativas a ele. O objetivo principal foi evidenciar como a monogamia opera como dispositivo de poder que transcende o sentimento de amor, articulando-se com outras formações discursivas para produzir e regular formas específicas de subjetividade. Esperamos ter contribuído para desnaturalizar práticas relacionais frequentemente tomadas como evidentes, abrindo espaço para reflexões críticas sobre os modos como vivemos nossos afetos na contemporaneidade digital.

As resistências identificadas nas análises sugerem que os dispositivos monogâmicos enfrentam contestações crescentes, indicando possibilidades de transformação que merecem estudos futuros. Nesse sentido, o Instagram se revela não apenas como espaço de reprodução de hegemonias, mas também como território de disputa onde novos sentidos sobre relacionamentos podem emergir e se consolidar.

## Referências

BARASH, David; LIPTON, Judith Eve. **O Mito da Monogamia**. Tradução de Ryta Vinagre. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.

BUSS, David Michael. **The evolution of desire: Strategies of Human Mating**. New York: Basic Books, 1994.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Tradução de Leandro Konder. 2. ed. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: O uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. 12. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2023a.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade III: O cuidado de si**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. 10. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2023b.

HRDY, Sarah Blaffer. **The woman that never evolved**. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

PECHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento?** Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

VASALLO, Brigitte. **O desafio poliamoroso**. Por uma nova política dos afetos. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2022.

VEYNE, Paul. **História da vida privada: do império romano ao ano mil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

## Notas

\* Mestra em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos. Doutoranda em Linguística na Universidade de Franca. E-mail: laucgon@gmail.com

\*\* Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos. Professora permanente e atual coordenadora do Programa de Pós- Graduação em Linguística da Universidade de Franca. E-mail: luciana.garcia@unifran.edu.br.

<sup>1</sup> A família sindiásmica representa o estágio de transição entre o matrimônio por grupos (primitivo) e a monogamia moderna, caracterizada pela união mais estável entre um homem e uma mulher, mas ainda com facilidade de dissolução e predominância do direito materno.